

Apresentação

Maria do Rosário Gregolin

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GREGOLIN, MR. Apresentação. In: MAZZOLA, RB. *O cânone visual: as belas-artes em discurso* [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015, pp. 11-20. ISBN 978-85-7983-671-8. Available from: doi: [10.7476/9788579836718](https://doi.org/10.7476/9788579836718). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/staff/book/id/bywgd/attachs/9788579836718.epub>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado de uma investigação realizada em nível de doutorado no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNesp, *campus* de Araraquara, SP. Quando uma pesquisa acadêmica transforma-se em livro, deve, ao mesmo tempo, conservar o rigor científico e tornar-se legível para um público mais amplo do que aquele originariamente pretendido na academia. O trabalho aqui apresentado sob a forma de livro cumpre essas duas exigências: sem deixar a correção e a exatidão necessárias a uma pesquisa séria e refletida, a argumentação é vazada em linguagem sedutora e elegante, o que, com certeza, produz satisfação e leveza em sua leitura.

Essas qualidades advêm, outrossim, de um percurso sólido de investigação que assenta os resultados em uma base teórica consistente e na escolha de uma temática relevante e atual. Isso tudo faz com que o trabalho que aqui se apresenta seja inusitado sob as perspectivas teórica, epistemológica e analítica. Primeiramente, no aspecto teórico, contribui com as investigações sobre o desenvolvimento e as problemáticas do campo de estudos da “análise de discursos” em sua história francesa e na atualidade brasileira. Assim, retomando a história do desenvolvimento desse campo na França, do final dos anos 1960 ao início dos anos 1980, aponta o

papel crucial de Michel Pêcheux e, ao mesmo tempo, os limites de seu projeto teórico para uma teoria do discurso. Dessa incursão histórica deriva a problemática epistemológica, pois o leitor pode acompanhar a mutação dos objetos e a importância que Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine desempenham nas transformações por que passou o campo da análise de discursos na França a partir dos anos 1980. Coincidentemente, é nesse momento que se iniciam as pesquisas brasileiras, com a abertura política em meados da década de 1980. Trata-se, portanto, de uma recentíssima História no Brasil que se configura como uma “história do presente”, mas que já constitui um campo de imensa fecundidade.

No Brasil, atualmente, o campo de estudos denominado *análise de discurso* incorpora uma multiplicidade de abordagens, métodos e objetos de análise. Essa variedade deriva da complexidade do conceito de *discurso* já que, envolvendo a linguagem, os sujeitos e as determinações sociais e históricas, necessita a articulação de vizinhanças teóricas e possibilita enfoques a partir de ângulos diversificados. A multiplicidade característica da maneira brasileira de operar com a análise de discursos deriva também da heterogeneidade de objetos mobilizados pelos analistas. Por isso, o campo apresenta uma cartografia complexa, formada pelo intrincamento de diferentes tradições. Podemos enumerar, entre as mais difundidas: a tradição russa (“análise dialógica do discurso”, cujas discussões giram em torno das propostas do chamado círculo de Bakhtin); a tradição anglo-saxônica (“análise crítica do discurso” derivada dos trabalhos de Norman Fairclough aliada à linguística funcional de Halliday); a tradição suíça (“interacionismo sociodiscursivo” embasado nos trabalhos de Bronckart, Schnewly etc.); e a tradição francesa que engloba diferentes perspectivas, dependendo do interesse dos pesquisadores em explicitar (ou não) o pertencimento ao campo dos estudos discursivos e, portanto, filiando-se a autores que remontam a uma história que se desenvolve desde os anos 1960 (o projeto semiótico de A.J. Greimas; a análise do discurso proposta por Michel Pêcheux e seus prolongamentos a partir das leituras que Jean-Jacques Courtine faz das ideias foucaultianas) e chega a

autores mais recentes como Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau.

Se uma das características da análise de discursos brasileira é o fato de tomarmos mirantes teóricos e objetos de estudo bastante heterogêneos, o trabalho de Renan Belmonte Mazzola é particularmente inusitado nesse aspecto, já que analisa as transformações do cânone visual nas mídias digitais contemporâneas e adota, explicitamente, a ótica da tradição francesa de estudos discursivos pelo olhar de uma semiologia histórica proveniente de Michel Foucault.

O leitor poderá compreender esse lugar teórico-metodológico, no interior da complexa cartografia brasileira, porque a tradição francesa de estudos discursivos (sua história, suas transformações) é desenhada, neste livro, a partir de três movimentos que articulam os pensamentos de Pêcheux, Foucault e Courtine.

O primeiro movimento, denominado “Michel Pêcheux, limites de um projeto”, nos apresenta o surgimento, as raízes históricas e as crises da obra pecheutiana à medida que produz deslocamentos no dispositivo teórico e analítico para a análise discursiva. O leitor pode acompanhar, então, o nascedouro da análise do discurso de tradição francesa, como um campo interdisciplinar, na França do final dos anos 1960, do qual Michel Pêcheux é o principal formulador. Militante do Partido Comunista Francês, Pêcheux pensou esse campo do saber como um espaço que permitisse uma intervenção não apenas teórica, mas, principalmente, política no real da linguagem e da história. Com esse objetivo, convocou outros pensadores contemporâneos com os quais dialogou e duelou (Louis Althusser, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Jacques Lacan etc.). Esse capítulo do livro dá visibilidade às mudanças conceituais e epistemológicas ao mesmo tempo em que mostra as motivações que levaram a uma constante reformulação no projeto teórico pecheutiano. Nesse sentido, revisita as balizas teóricas que estão na base do dispositivo da análise automática do discurso (AAD-69) e que, posteriormente, sofrem alterações para que seja possível incorporar outros objetos de estudos além dos textos políticos escritos. Nessa transformação, cronologicamente situada no início dos anos 1980,

tem especial relevância a tese de Jean-Jacques Courtine – publicada na revista *Langages* 62 – prefaciada por Michel Pêcheux com o clássico texto “O estranho espelho da análise do discurso”, no qual faz autocrítica e propõe novos direcionamentos para o projeto de análise discursiva. O trabalho de Courtine interroga a história das práticas comunistas por meio da análise da heterogeneidade constitutiva de sua discursividade. Essa abordagem é possibilitada pela apreensão das ideias de Foucault, principalmente do seu conceito de “formação discursiva” para a análise do interdiscurso e das heterogeneidades. A partir dessa releitura que Courtine faz da *Arqueologia do saber* os estudos franceses encaminham-se para a abordagem da alteridade, da heterogeneidade, das diferentes materialidades do discurso.

Essa contribuição nos é apresentada no segundo movimento, denominado “Jean-Jacques Courtine: o percurso de um agrimensur”, que desvela ao leitor a importância desse estudioso francês para as transformações nos dispositivos da análise de discurso. Os trabalhos de Jean-Jacques Courtine promoveram vários deslocamentos teórico-metodológicos: desde a clássica publicação do estudo sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos (*Langages* 62, em 1981), em que redefine criticamente os métodos e procedimentos analíticos a partir de um novo conceito de formação discursiva, seu pensamento não parou de produzir transformações no campo. Como decorrência dessa frutuosa intervenção crítica, ele modificou o modo de olhar para o objeto discursivo clássico: analisando as transformações do discurso político, operadas pelos sistemas audiovisuais, Courtine abriu caminhos para o estudo das materialidades não verbais que constituem a historicidade dos discursos. Trata-se, a partir de então, de elaborar as bases de uma semiologia histórica a fim de pensar discursivamente as redes de imagens que constituem a cultura e o imaginário de uma sociedade. É por essa lente que ele se dedicou, posteriormente, a pensar sobre a história do corpo e a história da virilidade, desenvolvendo conceitos teóricos e procedimentos analíticos que revigoraram os estudos discursivos.

Esse percurso investigativo de Courtine assenta-se sobre a leitura da espessura histórica da obra de Michel Foucault. A fim de revelar essa filiação teórica, no terceiro movimento deste livro, no capítulo denominado “Uma arqueologia do visível”, somos conduzidos pelas veredas do pensamento foucaultiano a partir da centralidade que o conceito de enunciado tem, em sua obra, para a reflexão sobre as materialidades do discurso. As ideias de Foucault serviram de base para a própria definição de discurso como um processo enunciativo cuja materialidade exhibe a articulação da língua com a História. Além disso, propiciaram a formulação de outros conceitos centrais para a semiologia histórica, como o de memória discursiva, fundamental para as análises empreendidas neste livro.

Pensando-o como uma função, Foucault descreve o enunciado a partir de oposições com outras unidades – frase, proposição, atos de fala – para marcar as diferenças e para acentuar que os estudos linguísticos sempre deixaram o enunciado como um resto, um elemento residual e, portanto pressuposto mas não analisado. Seu objetivo é mostrar que o enunciado tem quatro propriedades essenciais: a) está sempre relacionado a um domínio de objetos; b) prescreve posições definidas para os sujeitos que os produzem/empregam; c) situa-se sempre em interdiscursos; d) enfim, é dotado de uma materialidade repetível.

Seguindo a exposição feita por Foucault em *A arqueologia do saber* (1969; 1986), podemos entender que o enunciado se distingue dos conceitos de frase, de proposição e de atos de fala porque:

- a) o contrário da proposição, o enunciado está no plano do discurso e, por isso, não pode ser submetido às provas de verdadeiro/falso. Por isso, para os enunciados não há formulações equivalentes: por exemplo, “ninguém ouviu” é distinto de “é verdade que ninguém ouviu” quando os encontramos em diferentes gêneros de discurso, como uma fala cotidiana e um romance pois se trata de uma mesma estrutura proposicional, mas com caracteres enunciativos bastante distintos;

- b) ao contrário da frase, o enunciado não está, necessariamente, submetido a uma estrutura linguística canônica (como, no português, sujeito-verbo-predicado), isto é, não se encontra um enunciado encontrando-se os constituintes da frase. Um quadro classificatório das espécies botânicas é constituído de enunciados que não são “frases”; uma árvore genealógica; um livro contábil; a fórmula algébrica; um gráfico, uma pirâmide... todos têm leis de uso e regras de construção que são diferentes daquelas das frases. Por isso, Foucault afirma que não parece possível definir um enunciado pelas características gramaticais da frase (1986, p. 93);
- c) o enunciado, parece, à primeira vista, mais próximo do que se chama os *speech acts* (atos de fala). No entanto, diferentemente das pesquisas dos analistas ingleses, Foucault não propõe procurar o ato material (falar e/ou escrever) ou a intenção do indivíduo que está realizando o ato (convencer; persuadir, etc.) ou o resultado obtido (se foi eficaz ou não). O que Foucault procura é “descrever a operação que foi efetuada, em sua emergência – não o que ocorreu antes, em termos de intenção, ou o que ocorreu depois, em termos de “eficácia”, mas sim o que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado – e precisamente neste enunciado (e nenhum outro) em circunstâncias bem determinadas” (1986, p. 94).

Para definir o enunciado, além de mostrar suas diferenças com esses conceitos (frase, proposição, *speech acts*), Foucault também o correlaciona com o conceito de língua. Ele pretende mostrar que língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência e, para exemplificar essa diferença, recorre às letras que estão numa máquina de escrever: em si, elas não constituem enunciados; no entanto, quando alguém as dispõe em uma página – seguindo regras que vêm do sistema da língua – tornam-se enunciado. A língua é um sistema de construção para enunciados possíveis. No entanto, para a análise arqueológica não interessa esse campo de virtualidades das formas linguísticas. Partindo da ideia de que “não basta

qualquer realização material de elementos linguísticos, *ou qualquer emergência de signos no tempo e no espaço, para que um enunciado apareça e passe a existir*” (1986, p. 98), Foucault mostra que o que torna uma frase, uma proposição, um ato de fala em um enunciado é justamente a função enunciativa: o fato de ele ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado.

Toda a discussão sobre o conceito de enunciado é feita para precisar o objeto da descrição arqueológica: “não o enunciado atômico – com seu efeito de sentido, sua origem, seus limites e sua individualidade – mas sim o campo de exercício da função enunciativa e as condições segundo as quais ela faz aparecerem unidades diversas (que podem ser, mas não necessariamente, de ordem gramatical ou lógica)” (1986, p. 122).

Essas discussões sobre a categoria nuclear do método arqueológico evidenciam a natureza semiológica do enunciado em Foucault e é nesse ponto nevrálgico que Renan Belmonte Mazzola busca apoio para definir discurso como produção de efeitos de sentidos, que é realizada por sujeitos históricos por meio da materialidade da linguagem. Com isso, nos mostra que se a análise de discurso pecheutiana dedicou-se ao exame de discursos escritos (e nisso encontra seu limite) a investigação exposta neste livro dedica-se à materialidade própria das belas-artes e seu funcionamento na teoria do discurso.

O debate acerca do desenvolvimento de categorias analíticas que permitem a descrição e interpretação de materialidades não verbais, a partir da teoria discursiva francesa, tem se intensificado atualmente devido ao papel cada vez mais proeminente que as mídias desempenham na produção dos sentidos e da memória social. Os enunciados que circulam por meio da convergência das mídias são plasmados em uma multiplicidade de formas linguísticas, visuais, audiovisuais etc. Como fica aqui demonstrado, uma possibilidade de abordagem dos sentidos cujas materialidades não são exclusivamente linguísticas pode ser realizada através do diálogo entre a análise de discurso e a semiologia histórica proposta por Courtine a partir de Foucault.

Essa problematização sobre o objeto de estudos da análise discursiva acompanha o desenrolar dos trabalhos de J-J Courtine. Assim, em meados dos anos 1980 ele já percebia que estava em curso uma verdadeira revolução audiovisual, na exponencial expansão da mídia que instalava o “reinado das imagens”, dos textos sincréticos que amalgamam diversas materialidades (linguísticas e visuais). Era chegado o tempo de incorporar às análises a “língua de vento” da mídia, o discurso ordinário, as novas materialidades do mundo “pós-moderno” que se concretizavam no discurso. Para tomar materialidades não verbais como objetos de estudo, a análise de discursos teve de reorientar seus conceitos na direção de uma semiologia histórica. Nesse sentido, o retorno à *Arqueologia do saber* foi produtivo pois o conceito de “enunciado”, para Foucault, não é exclusivamente linguístico e é possível que se façam outras arqueologias, e, dentre elas, a da pintura. Não é por outro motivo que ele pensa permanentemente sobre as belas-artes: em *O nascimento da clínica*, analisa o olhar dos médicos na *Lição de anatomia* (Rembrandt), assim como lê a tela *As meninas* (Velásquez) no início de *As palavras e as coisas*, ou, ainda, interessa-se pelos sentidos compostos nas telas de Magritte, em *Isto não é um cachimbo*. Mesmo em trabalhos, como *A ordem do discurso*, *A verdade e as formas jurídicas* e *Eu, Pierre Rivière...*, nos quais acentua os elementos verbais, sua análise se expande para os rituais não verbais.

Aqui neste livro, essas reflexões de Courtine, via Foucault, são deslocadas para a abordagem dos regimes de visualidades artísticas a fim de compreender as apropriações dos cânones das artes visuais na atualidade a partir das articulações entre a teoria discursiva e a semiologia histórica. A pergunta explicitamente enunciada a que se procura responder é: *Quais são os mecanismos de memória que fazem com que algumas obras de arte sejam lembradas, tornando-se fundadoras em determinadas culturas, e outras esquecidas, tendo como conhecedores somente alguns poucos indivíduos em certa época?*

Essa interrogação sintetiza a extrema novidade do trabalho de Renan Belmonte Mazzola, precisamente nessa perspectiva analítica que consolida uma área de investigação, no interior dos estudos

discursivos, que toma a ação das mídias como objeto. Ele nos mostra que o desenvolvimento das tecnologias de comunicação mudou as formas de produção e de circulação dos discursos e tornou necessário lançarmos novos olhares para os regimes e as materialidades discursivas das belas-artes.

As análises das ressignificações do cânone visual mostram que o jogo das relações humanas, nas sociedades, é uma batalha entre discursos que seguem regras próprias às práticas discursivas de uma época; por isso, o discurso não é o lugar abstrato de encontro entre uma realidade e uma linguagem, mas um espaço de confrontos materializados em acontecimentos discursivos. Por sua vez, as práticas discursivas estão submetidas a um jogo de prescrições que determinam exclusões e escolhas; nesse sentido, elas não são, pura e simplesmente, modos de fabricação de discursos, pois são definidas por instituições (técnicas, jurídicas, escolares etc.) que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm. Nessas reflexões também reside a importância do pensamento de Michel Foucault para compreendermos as formas de produção do discurso na atualidade. Ele nos aponta para uma análise que busca perseguir a movimentação dos enunciados, sua movência nas práticas discursivas de sujeitos historicamente determinados pela ordem do discurso. Tal perspectiva se traduz, neste livro, pela compreensão do campo canônico como lugar nuclear de memória social, enquanto mecanismo de manutenção e controle do que pode ser dito em uma temporalidade.

Essa perspicácia analítica em tudo nos lembra o trabalho crítico da Escola de Frankfurt, principalmente a análise de Walter Benjamin da ação da reprodutibilidade técnica sobre a arte. Lembra-nos que, no final dos anos 1930, sentindo na pele os efeitos da manipulação das mídias pelo regime alemão nazista, Walter Benjamin refletiu sobre os perigos que esse uso político representa para a arte. Trata-se do ensaio sobre a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. Benjamin referiu-se, então, à fotografia e ao cinema como mídias que promoviam a degradação da arte, no sentido de que a reprodução técnica atinge a sua “aura”, isto é, seu caráter de originalidade e unicidade. Na esteira dessa reflexão – mas, eviden-

temente, sem o pessimismo próprio a um texto produzido sob o terror totalitário – as análises apresentadas neste livro são exemplos concretos da ação das mídias contemporâneas sobre o cânone visual. Ao analisar releituras de clássicos da arte ocidental na mídia digital, revela gestos críticos a partir da inserção de um ícone do consumismo em uma composição pictural canônica, produzindo alterações dos elementos visuais da obra original. A regularidade observada no conjunto recortado faz retornar a dimensão política da enunciação, o deslocamento que articula o estético ao político na denúncia contra o consumismo e o hedonismo da sociedade atual.

Este livro mostra-nos, enfim, que a semiologia histórica de base foucaultiana pode explicar como se dá o empreendimento geral de controle dos discursos, os jogos entre memória e esquecimento agenciados materialmente por micropoderes. Nesse sentido, a investigação de Renan Belmonte Mazzola, ao ser apresentada ao leitor na forma de livro, é um empreendimento político, pois o consumo massivo de imagens, na sociedade atual, exige uma resposta crítica na medida em que a apropriação/reapropriação do cânone visual interfere na memória coletiva. O trabalho que aqui se apresenta é, certamente, uma forma contundente dessa crítica aos micropoderes que formatam as subjetividades contemporâneas.

Maria do Rosário Gregolin